

A Amazônia em busca de salvação

Pesquisador afirma que a Amazônia está sendo usada como quarto de despejo

CARMEN GALVAN.

O problema mais grave da Amazônia não é seu desmatamento nem são os projetos que vêm sendo implantados por multinacionais ou particulares estrangeiros. Estes são grandes problemas. E devem ser cuidados. Mas o pior mesmo está na qualidade das pessoas que vêm ocupando aquela imensa área. Esta opinião é de Warwick Kerr, do Departamento de Genética da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, que até o início deste ano dirigiu o INPA (Instituto Nacional de Pesquisas na Amazônia).

Ele explica sua opinião: "Em Biologia, temos uma teoria chamada 'Princípio do Fundador'. Segundo ela, é muito difícil corrigir os problemas trazidos pela espécie colonizadora de uma região. Se ela trouxe problemas genéticos, por exemplo, eles só poderão ser agravados com o correr do tempo. Ora, a Amazônia está sendo usada como um quarto de despejo do Centro-Sul do País, e se não corrigirmos isto, nós vamos fazer uma Amazônia ruim e desperdiçaremos uma enorme área, que é a grande opção para o futuro do Brasil".

A importância do INPA não está só na grande quantidade de pesquisas desenvolvidas para solução dos inúmeros problemas da região. Está também, no interesse dos governos locais em seguir os conselhos apresentados pelos pesquisadores.

"Lá existe uma atitude muito evoluída em relação à pesquisa — assinala Kerr — e os estudos são feitos e usados". O entusiasmo dos estudantes e dos pesquisadores também é maior: ele constatou, na Amazônia, uma produtividade maior do que no sul.

O INPA tem duas sedes, uma em Manaus e outra em Belém, e dois campos avançados, um em Aripuanã e outro em Rio Branco. Em Manaus há departamentos de Química, Agricultura, Botânica, Ecologia, Piscicultura e Pesca. Em Belém estão o segundo melhor Museu de Arqueologia Tropical do País (o primeiro é o de Campinas) e os Departamentos de Botânica, Zoologia, Antropologia e Arqueologia.

"O Museu tem provocado uma reação interessante — conta Kerr — os artistas locais vão lá para copiar as obras expostas, desenterradas de tribos mortas". Com isso, divulga-se uma arte que poderia ter morrido com as tribos.

Faltam alimentos na imensa região

Os departamentos desenvolvem cientificamente as soluções ou melhoramentos necessários para a Amazônia. Cinco princípios orientaram todos os projetos de pesquisa, durante a gestão de Warwick Kerr no INPA. Eles constam do relatório de sugestões apresentados ao governo: 1 — evitar os processos de concentração de renda, as grandes propriedades, que impedem a fixação da população, por não permitir a auto-suficiência; 2 — educar a população e desenvolver cada vez mais as pesquisas da região, visando formar recursos humanos e conhecer, mais a fundo, as particularidades da Amazônia, sua floresta, as doenças, sua alimentação específica com aproveitamento dos produtos locais; 3 — a crise de petróleo induz a uma busca de fontes de energia local, evitando o encarecimento dos transportes; 4 — busca de auto-sustentação das vilas, mudando o modelo econômico da produção em massa, só possível quando o combustível é barato; 5 — ajudar na contenção da dívida externa, consumindo menos petróleo, menos trigo e produzindo suas próprias máquinas.

"A orientação que eu dei aos meus pesquisadores — afirma Kerr — foi no sentido de se perguntarem sempre como a pesquisa beneficiaria o povo da Amazônia".

Esta orientação é o entusiasmo dos 266 pesquisadores do INPA, durante a gestão de Warwick Kerr (antes trabalhavam apenas 25), levaram a diversas sugestões apresentadas, nas várias áreas, aos quatro governadores da Amazônia, no ano passado.

Na saúde foram destacados cinco pontos principais: malária, raiva, verminose e disenteria, nutrição e saneamento. Um dos grupos, liderado pelos drs. J.J. Ferraroni, Derek Charlwood e Jack Hayes, constatou que o Plasmodium vivax e o P. falciparum, causadores da malária, estão se tornando resistentes aos venenos tradicionais: o Aralen (Cloroquina) e carapanã (Anopheles darlingi) e o DDT. Como resultado, a doença poderá apresentar surtos desagradáveis: surtos e febres de difícil cura. E o grupo sugere, então, uma campanha de esclarecimento à população, ensinando como se transmite a doença, aconselhando o uso de tela nas portas e janelas e mosquiteiros nas redes, que poderiam ser doados pelo próprio governo à população de baixa renda.

Para o problema da raiva, aconselha-se intensificar as campanhas de vacinação de cães e gatos domésticos e promover o extermínio dos animais carnívoros soltos nas ruas, que comeriam os morcegos mortos (os maiores portadores do mal). Um saneamento intenso é aconselhado, também, pelo grupo, para evitar não só as verminoses e disenterias como outras doenças, uma vez que as populações costumam habitar alagados, fáceis de contaminar-se.

O setor de nutrição é um dos mais importantes nas pesquisas do INPA. Na Amazônia, pelo seu tamanho e distância dos grandes centros de produção, há enormes dificuldades com a alimentação. Entretanto, existem numerosos produtos nativos com grandes poderes nutritivos. Além disso, os índios desenvolveram técnicas de cultivo excelentes e que produzem frutos de tamanho impressionante.

"Um abiu, por exemplo, normalmente pesa 90 gramas — afirma Warwick Kerr — e o silvestre não passa de 30. Pois, entre os índios, foram

selecionados frutos que pesaram até 800 gramas."

Além das técnicas de melhoramento das plantações, a alimentação amazônica pode ser baseada na enorme variedade de produtos nativos. Na região, por incrível que possa parecer, há grande incidência de câncer, causada, segundo a opinião de Kerr, pela falta de vitamina A na comida. Entretanto, existem muitos alimentos locais ricos nessa vitamina e que podem ser incluídos nos cardápios do amazônense. Um deles é a mandioca, com mais de cem variedades já selecionadas na região. Esta raiz, quando tem coloração amarela, possui grande concentração de vitamina A. "Por esse motivo foi pedido, pelo grupo do INPA, a subvenção governamental para as famílias amarelas da mandioca".

"Em resumo — continua Warwick Kerr — é necessário incentivar o consumo de frutas, legumes e hortaliças para melhorar a alimentação do caboclo. Mesmo que se precise de uma subvenção inicial aos produtores e comerciantes da região. É necessário, também, estimular a amamentação natural que, hoje, perde para as campanhas publicitárias feitas por fábricas de leite em pó. E, sobretudo, acabar com a imoralidade da subvenção do trigo estrangeiro, que além de ficar muito caro para o amazônense, não o beneficia como alimento."

Existe na Amazônia um coquinho, a pupunha, que cresce em cachos com mais de 150 frutos e cujo pé é muito resistente. Esse fruto é muito rico em vitamina A, proteínas e amido. Kerr garante que "é muito gostoso. Basta dar uma fervura, para que fique macio e substitua a batata nos seus vários usos. E, de manhã, nada melhor do que uma pupunha com mel acompanhando o café com leite".

Um dos departamentos mais importantes do INPA é o que estuda a ecologia local. A falta de conhecimento sobre a região, Seus pesquisadores, por exemplo, constataram que o solo amazônico entra em degradação rápida quando se cortam suas árvores. Esta degradação é facilmente medida pela capacidade de absorção da água na terra. Num solo de floresta, a água leva de um a dois minutos para ser absorvida. Após dez anos de desflorestamento, a água leva mais de vinte minutos para penetrar no solo. Se ela não é absorvida de forma rápida, a água corre e provoca erosão.

Outras constatações foram feitas durante os estudos do INPA: o melhor aproveitamento para o solo amazônico, provado matematicamente e economicamente, não é com criação de gado, como se pretendia no projeto da Transamazônica, a cultura mais recomendada para a região é a da mandioca, não só pela boa produtividade (cada hectare de terra produz 30 toneladas do tubérculo), como também por envolver toda a família, promovendo a fixação do homem à terra.

Warwick insiste muito em que o mais importante para salvar-se a Amazônia e tornar a região produtiva e habitada "é incentivar a ida de cérebros", de pessoas especializadas nas áreas em que vão trabalhar. Apesar do crescimento no número de pesquisadores, promovido no tempo em que ele foi diretor do Instituto, seriam necessários ainda mais. "O ideal seria que houvessem 1.500 pesquisadores. Para isso, porém, precisariam ser aumentadas as verbas cedidas pelo CNPq. Hoje o INPA recebe menos de 200 milhões de cruzeiros, quando seriam necessários 800 milhões.

O solo entra em rápida degradação

E ele afirma: "O resultado da ignorância das peculiaridades na Amazônia será sua destruição". "Em agosto deste ano Kerr constatou a destruição de uma área equivalente a duas vezes o Estado de São Paulo (na região amazônica cabe 17,4 vezes o nosso Estado). Esta região fica a uma hora de voo aproximadamente, de Brasília, próxima da base de Cachimbo, da FAB. Pelo que ele pôde observar, a destruição deve ter sido para criação de pastos. "E não deve ser esquecido que a destruição das florestas amazônicas, pela peculiaridade de seu solo, é fatal para a região".

A visão de Warwick Kerr sobre o Projeto Jari, do americano Daniel Ludwig, vai além das críticas contra a entrega de áreas brasileiras a estrangeiros. Segundo ele, todo o projeto vai contra as recomendações do INPA para a região. "Em primeiro lugar é uma grande propriedade, quando a recomendação é de pequenas propriedades, seguindo-se conclusões tiradas em São Paulo, o Estado de maior produtividade do país; Outro grande problema é a fábrica de celulose, que preocupa os pesquisadores da área de ecologia porque as águas da Amazônia têm pouco poder tampão (modificam seu estado ácido ou básico com facilidade) e podem ser muito prejudicadas com os despejos desta indústria.

"Além disso, no Jari se plantaram florestas de Gmelina arborea, trazida da Ásia e muito bem adaptada na Amazônia. De sua madeira será extraída a celulose para a fábrica de papel. Mas já é bem conhecido o problema causado por florestas de cultura homogênea e o conseqüente prejuízo à fauna da região. Este problema já foi estudado pelo Instituto e o Dr. Antonio Azevedo Correa demonstrou a possibilidade de produzir-se celulose e papel a partir de bosques mistos. Inclusive com melhores resultados que os obtidos pelo processo de Jari."

E, além disso, Warwick Kerr vê um grande problema humano nesse projeto. "O pessoal técnico contratado para Jari é muito bem pago, o que vai para a agricultura já não é tão bem recompensado e sobre os trabalhadores braçais não é preciso nenhum comentário, basta ver o que se convencionou chamar o "Belradão": uma enorme favela, do outro lado do rio, onde moram 10 mil pessoas, entre funcionários e ex-funcionários do projeto".



Warwick Estevam Kerr, um apaixonado pela Amazônia que teme pelo futuro da região.

Uma tarefa a terminar

Warwick Kerr é um apaixonado pela Amazônia, que não se limitou a dedicar quatro anos de sua vida de pesquisador ao INPA. Ele fala com entusiasmo da Amazônia. As lembranças são tantas que sua casa é toda decorada com elas. Pode-se dizer que é uma casa amazônica. Na decoração participam estantes com tábuas de mogno, cedro, macacacúba e outras madeiras-de-lei daquela região, cestos indígenas, cerâmicas e vários quadros, alguns pintados por Palheta, um artista de Manaus. Um dos quadros representa duas araras pintadas com tinta natural, na entrecasca do tururi (árvore local), e emoldurada de forma rústica com paxeúba (outra madeira de lá). A pintura foi feita por um índio e, pelo que conta Kerr, as araras são muito importantes para as tribos locais porque elas recebem os espíritos dos que não morrem em luta. Os que morrem lutando, segundo a crença indígena, encarnam em onças.

Mas, não só na decoração a casa lembra a

Amazônia. No jardim e no quintal há várias plantas típicas daquela região. Lá estão plantados pés de baunilha, assai, graviola, pupunha-sorba (de onde se extrai a resina para fabricação de chiclete).

Como entusiasta pesquisador dos problemas da Amazônia Warwick Estevam Kerr não considera terminada sua tarefa naquela região. "Voltei por problemas particulares — ele tem sete filhos e oito netos que ficaram em São Paulo. Minha decisão de ir para lá surgiu de uma promessa que fiz, dentro da minha religião" (uma mistura de católico com metodista, segundo ele mesmo explica).

Assim, Kerr pretende trabalhar durante mais algum tempo no Departamento de Genética da Medicina de Ribeirão Preto, até completar o tempo para sua aposentadoria. "Depois disso, meus filhos estarão encaminhados e independentes e eu voltarei para viver o resto da minha vida na Amazônia, junto aos muitos amigos índios, caboclos e pesquisadores".